

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior

Mestrando do Programa de Pós Graduação em Geografia do IESA (UFG), Bolsista da CAPES  
carlosroberto2094@gmail.com

Maria Geralda de Almeida

Professora Titular do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás,  
Bolsista de Produtividade CNPQ  
mgdealmeida@gmail.com

---

# Geografias de *hýbris*: dialética sujeito-lugar nos enredos da *lavoura arcaica* de Raduan Nassar

## Resumo

Obra significativa da literatura brasileira, "Lavoura Arcaica", de Raduan Nassar, é um drama trágico acerca da *hýbris* de André, o protagonista, à ordem familiar campesina e suas imposições. Pela interpretação geográfica pautada na perspectiva humanista, em particular na fenomenologia existencialista, o texto realiza uma leitura hermenêutica da obra visando desvelar a dialética sujeito-lugar. Explora os desdobramentos das tensões existenciais do lugar de André por meio dos dois momentos da obra: "A partida" e "O retorno". No decurso do rompimento e arquitetura de vínculos, a tensão se torna um modo de existir no lugar, a ocasionar no extremo do *pathos* paterno que desconstitui a ordem familiar.

**Palavras-chave:** Lugar, Vínculos, Ordem moral.

## Abstract

*HÝBRIS' GEOGRAPHIES: SUBJECT-PLACE DIALECTIC AT THE PLOT OF ANCIENT TILLAGE BY RADUAN NASSAR*

Significative masterwork of Brazilian literature, "Ancient Tillage" by Raduan Nassar, is a tragic drama about André's, the protagonist, *hýbris* to the familiar peasantry order and its impositions. By the way of geographical interpretation based on the humanistic perspective, in particular by the means of the existentialist phenomenology, the essay appoints to an hermeneutical reading of the artwork to reach the

understanding of subject-place dialectics. It explores the unraveling of the existential tensions of André's place through the two moments of the book: "The departure" and "Homecoming". At the course of the disruption of attachments, the tension begins to be a way of existing at the place, leading to the extreme paternal *pathos* that deconstructs the familiar order.

**Key-words:** Place, Attachments, Moral order.

## 1. Apontamentos Iniciais

*Lavoura Arcaica* (NASSAR, 1989), publicado originalmente em 1975, é uma das principais obras da língua portuguesa do século XX<sup>1</sup>. É classificada pelos críticos e teóricos da literatura como *outsider* ao período histórico em que se insere por fugir, e de certo modo criticar, as limitações do romance panfletário (RODRIGUES, 2006; ABATI, 1999). A narrativa transcende a discussão das auguras do regime militar e se dedica aos conflitos *arcaicos*, no sentido grego do termo, entre razão e emoção, civilidade e natureza, 'eu' e o 'outro' (MOTA, 2010).

Opera um drama trágico de uma família campesina implicitamente de origens libanesas. A história, que é uma espécie de subversão bíblica (MOTA, 2010), diz respeito à fuga do personagem central em decorrência do incesto consumado junto à irmã, Ana. André retorna junto ao primogênito Pedro, que o busca no quarto de pensão onde estava. Durante a festa de sua páscoa, o Pai descobre do ocorrido entre os filhos (Ana e André) e comete infanticídio. O enredo desconfortante é exposto pela perspectiva do fluxo de consciência do protagonista, André.

Nessa consubstancialidade, as transmutações das imagens gestadas pelas palavras imergem o leitor em uma narrativa densa e incômoda. Na *lavoura* trágica, a *hýbris* do protagonista oferece uma perspectiva de existência no lugar a partir das tensões que dele e nele se desdobram. Por não se configurar na condição de metáfora ou alegoria (ABATI, 1999; RODRIGUES, 2006; SOUZA, 2012), as poéticas nefastas do habitar abarcam questões centrais ao existir espacial humano.

Ao não se passar em um lugar ou tempo específico, a obra desvela, pela sua atemporalidade, um espaço-*lavoura* de tempos *arcaicos* no qual

a figura patriarcal, Iohána, opera sujeições que se espacializam em opressões. Por ser imemorial, a *lavoura* se configura em uma expressividade mítica em que se lavram latências de *ser-no-mundo*. Desta maneira, a interpretação geográfica possibilita a compreensão da dialética sujeito-lugar a partir das relações entre os personagens e a *lavoura*.

Os meandros da geografia contemporânea evidenciam que o diálogo fértil com a literatura, para além de leituras regionalistas, pode oferecer perspectivas ricas acerca das espacialidades das narrativas das obras (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010). Busca-se, tal qual propõe Almeida (2010), substanciar uma Geografia literária, que intenta ler hermeneuticamente o texto literário a partir das categorias e conceitos da Geografia.

Pelo entendimento de que o escritor literário é “capaz de encontrar as elisões e as cesuras que assinalam a conduta, o leitor responde ao seu apelo e vai ter com ele no centro virtual do escrito, *mesmo que ambos não o conheçam*” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 112, grifos no original), há o esforço de reconstrução do mundo substancializado na unidade narrativa. Interpretam-se as espacialidades que afloram da realidade mediada pelo texto e que se apresentam na dinâmica leitor-autor. Neste sentido, toma-se a diegese como uma maneira de compreender as espacialidades geradas na coerência interna e narrativa do mundo da obra.

Por meio da geografia humanista, de embasamento particular na fenomenologia existencialista de Merleau-Ponty e em contato com perspectivas pós-coloniais contemporâneas, intenta-se dialogar com a literatura para enriquecer a discussão acerca do conceito de lugar. Tal trilha estabelece possibilidades de compreensão do mundo com fundamentação na experiência dos personagens e dos autores desse texto, sujeitos dessa investigação. Esse processo possibilitou dinamogenia contínua entre as espacialidades narrativas e os elementos de fundamentação/proposição teórica.

As tensões existenciais relativas à densidade pertinente ao lugar-*lavoura* são exploradas nas duas seções do texto, correlacionadas, respectivamente, à primeira (*A partida*) e à segunda (*O retorno*) partes do romance. Para tanto, foi realizada imersão na obra em estudo e correlação com bibliografia concernente.

## 2. André entre a *Lavoura* e a *Partida*

André, filho do meio, se insere em um modo de vida no qual a tradição impõe uma maneira específica de ser na *lavoura*. Nos sermões do Pai, é arquitetado um lugar em que os corredores confusos da casa devem se tornar espaços de união e respeito entre a família. Neste espaço ditado pelas regras paternas, a ordem se substancializa por meio dos deveres realizados no trabalho de lida.

Pelo lugar estabelecido na *lavoura*, os personagens são sujeitos à submissão corporificada na condição de adequação ao modo de vida. Nos fluxos relacionais efetivados pelos laços de sangue e trabalho, a vivência no lugar é marcada pela austeridade ascética do Pai. Há, portanto, a fabricação de um ideal de contato com o mundo que se transcende com a existência no lugar. Conforme distingue André, um sermão do Pai pregava que:

[...] bastava que um de nós pisasse em falso para que toda a família caísse atrás; e ele falou que estando a casa de pé, cada um de nós estaria também de pé, e que para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue, não nos afastando da nossa porta, respondendo ao pai quando ele perguntasse, não escondendo nossos olhos ao irmão que necessitasse deles, participando do trabalho da família, trazendo os frutos para casa, ajudando a prover a mesa comum, e que dentro da austeridade do nosso modo de vida sempre haveria lugar para muitas alegrias, a começar pelo cumprimento das tarefas que nos fossem atribuídas [...] (NASSAR, 1989, p. 21).

Nota-se um lugar onde são priorizados, teoricamente, os interesses coletivos em detrimento dos sujeitos. A família é a arquitetura esquelética das espacialidades de respeito ao ordenamento paterno. Participar do trabalho em grupo significa ser artifício da lógica patronal do pão que provê a mesa. As alegrias se manifestam por meio da força que advém dos afazeres.

É no contexto da interação *na lavoura* que os personagens refazem seus cosmos e fazem do lar um lugar. Como aponta Merleau-Ponty, “tudo nos reenvia às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, a esse poder do sujeito sobre seu mundo que é a origem do espaço” (2011, p. 338), é a consciência ativa no mundo que o transforma em lugar. Permeado pelas contradições do dever imposto pela ordem moral camponesa, o lugar não se efetiva como espaço de austeridades, mas de determinações resignantes.

Para que o sujeito esteja de pé, diz o Pai, é fundamental que a casa continue erguida. Os muros do lar têm a mesma força que a união familiar dada pelo trabalho. Pela moralidade de ordem racional, é imposto aos filhos que não atropелеm as temporalidades, respeitando as espacialidades do cosmo camponês nas quais se inserem. O Pai defendia que:

[...] rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele, devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas; rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, não contrariando suas disposições, não se rebelando contra o seu curso, não irritando sua corrente, estando atento para o seu fluxo, brindando-o antes com sabedoria para receber dele os favores e não a sua ira [...] (NASSAR, 1989, p. 52-53).

Necessária para a convivência camponesa em um mundo de incertezas, em que os ciclos da natureza podem não agraciá-los com o pão para pôr à mesa, lidar com a sabedoria do tempo é fundamental. As imposições de humildade e convivência do Pai são uma forma de fazer sentido ao mundo. Contudo, elas geram revoltas em André, em quem as paixões libidinosas ardem.

Ao se autodeclarar como “um epilético”, para Pedro, o primogênito que vai “buscá-lo” em uma pensão após a fuga, o protagonista aponta que é um enfermo no contexto do lar. Rodrigues entende dessa tensão que “a enfermidade é o desvio do ciclo do trabalho e a reintegração do enfermo nesse ciclo, a cura” (2006, p. 121). Se o lugar exige a ordem e a paciência, ele deseja o descaramento e o gozo. Corporifica ideais subversivos ao patriarca de modo a sentir no lugar as opressões estabelecidas pela tradição de temporalidades sedimentadas eclipsando os muros da casa.

Como destaca Tuan, “o lar, ainda que seja um refúgio das ameaças externas, não está isento de conflitos, que são muito mais intensos por ocorrer entre membros da família, em que os sentimentos fraternos são fortes” (2005, p. 206). Desta forma, a tensão que se desdobra no conflito entre o projeto-lavoura do Pai, a ser continuado por Pedro, e as paixões de André introyeta no cotidiano do lar desavenças silenciosas que se hiperbolizam ao longo da narrativa.

Nesse conflito de visões de mundo, que está no centro da (des)ordem da lavoura, se desdobram temporalidades que tensionam o existir do protagonista. Essas diferentes maneiras de desvelar o cosmo, de alienar e criar

mundos existenciais, vão ter rebatimento em práticas de cristalização de tempos que se manifestam de maneira conflitiva. Para Merleau-Ponty, “todo quadro, toda ação, toda empresa humana são cristalização do tempo, cifra da transcendência” (2014, p. 195), de modo que as intencionalidades dos personagens se convertem em alicerces do lugar. É possível evidenciar a maneira pela qual existem temporalidades projetadas na lógica da lavoura quando André decifra os locais que cada um se sentava à mesa para as refeições:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 1989, p. 154).

Todas as relações que se estabelecem no lugar-*lavoura* se originam do tronco paterno. Os galhos da semente do patriarca organizam o núcleo do lugar, pois os nexos estabelecidos firmam nele a temporalidade da pedra fundamental do lar. Nessa figura ascética, há o instinto de uma lógica que intenta proteger os sujeitos de uma vida e um mundo que, teoricamente, se degeneram (NIETZCHE, 2009).

No desenvolvimento espontâneo da direita, há continuidade da lógica do Pai, herdada do tronco do Avô. Pelo ossuário desenvolvido nesse lado da mesa, as raízes estabelecidas alcançavam sentidos morais de permanência da vida pautada na família e que seria continuada por Pedro. O momento do pão era também ocasião do sermão, afinal esse objeto-símbolo incorpora o plantar, o colher, o comer e o semear da *lavoura*.

A lógica que está a se reproduzir na geração de André, a partir do primogênito, gera discursos de repetições dos elementos tradicionais, Mota: “o arcabouço do saber de Pedro (eco das verdades paternas) é um tanto esquemático” (2010, p. 29). As palavras semeadas pelo Avô continuam em Pedro, mas ainda não têm o potencial arrebatador porque a prosa dele ainda não é a de um homem livre, mas de um *pai de família*.

No contexto camponês, segundo Woortmann, “é por ser dono do saber que ele é dono do sítio e pai de família. Ele não é um velho, mas um sábio”

(WOORTMANN, 1990, p. 48, grifos no original) que exerce poder nas fronteiras do lar. A liberdade e seriedade de um homem existem como desdobramentos da virilidade sábia advinda do ponderado controle do tempo da *sua* família.

O patriarcado de Iohána, uma continuidade desajeitada e direta dos “arrotos toscos” do Avô, se pauta no domínio do tempo. A paciência cultivada exerce sentidos opressivos sobre os outros personagens; o poder se exerce pela tradicionalidade. Mediado por essa legitimidade, transmuta a temporalidade em atos que conformam a percepção de parte dos membros da família aos modos do asceta.

Ao concordar que “since our abilities for action shape perception, which is how we experience being-in-the-world, our abilities for symbolic action make us capable of, to some degree, changing our world and what we are in that world”<sup>2</sup> (DELANCEY, 2006, p. 373), assume-se que o fazer-se asceta do patriarcado transcorre de ações simbólicas que mutacionam o cosmos do lugar. Pelo nexo de controle do tempo legitimado pela tradicionalidade, persiste a imposição da existência campesina como oposição à liberdade corporificada em André.

Para Woortman (1990), entre camponeses, o patriarca é “mais que proprietário da terra, é considerado o guardião do patrimônio da Casa-Tronco; os interesses da Casa se sobrepõem aos do indivíduo” (1990, p. 53), posição que no momento da obra é ocupada por Iohána. Na incorporação do tempo como desdobramento e miolo propulsor da família, a continuidade do tronco necessita do exercer de poder derivado da tradicionalidade. Para que os muros da casa continuem de pé o tempo não pode erodir aquilo que os antigos sedimentaram. Abandonar o passado como forma de controlar o presente e encaminhar o futuro seria, neste nexo, destituir o sentido da casa e, conseqüentemente, do lugar.

De acordo com Tuan, “o poder é raramente expresso diretamente como uma força física, até mesmo no mundo animal. No mundo humano, ele é exercido por meio de reconhecimento e aceitação de símbolos de legitimidade” (2012, p. 210). Na *lavoura*, esse poder corporifica-se na invocação do controle do fluxo de temporalidades humanas e naturais, em sua ciclicidade. Ele é sacralizado, ao passo em que “o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraindo tanto como os sinos graves marcando as

horas” (NASSAR, 1989, p. 51). Pela ponderação de cada palavra pontuada pelo Pai, ele torna corpórea a temporalidade que rege o lar.

Merleau-Ponty pondera que “o tempo é a dimensão segundo a qual os acontecimentos se expulsam uns aos outros, ele é também a dimensão segundo a qual cada um deles recebe um lugar inalienável” (2011, p. 525). Desse modo, o governo do tempo é uma forma de robustecer a existência do lugar. Nesse espaço dotado de sentido e definição (TUAN, 2013), o ordenamento da repetição pautada na tradição patriarcal da família ocasiona a significação do lar por meio dessa condição moral. André, em revolta sarcástica, discorre que:

[...] ninguém conheceu melhor o caminho da nossa união sempre conduzida pela figura do nosso avô, [...] era esse velho asceta, esse lavrador fenado de longa estirpe que na modorra das tardes antigas guardava seu sono desidratado nas canastras e nas gavetas tão bem forradas das nossas cômodas, [...] sempre ele naquele silêncio de cristalinas, naquela perdição de corredores, nos fazendo esconder os medos de meninos detrás das portas, ele não nos permitindo, senão em haustos contidos, sorver o perfume mortuário das nossas dores que exalava das suas solenes andanças pela casa velha [...] (NASSAR, 1989, p. 44).

Na continuidade do tronco do Avô, o lugar toma formas que se somam à personalidade do *Cronus* asceta, sempre retratado com seu relógio de bolso. Na imagem desse personagem a inexorabilidade do destino se materializa em seu “anzol de ouro, a fugar os homens, retirando-os do mar tempestuoso mas conhecido da vida para lança-los no vazio da morte” (RODRIGUES, 2006, p. 138). Sua presença no lar é o *memento mori* que corporifica as tensões dos personagens e indica a virilidade do tronco.

A casa parece acumular os sedimentos das gerações que nela viveram por meio das temporalidades que se acumulam. Como explica Pocock, “where an old house has accommodated generations of families, the spirit of the past may be overpowering”<sup>3</sup> (POCOCK, 1981, p. 343). A presença simbólica do “fantasma” do Avô é um reforço ao poder paterno.

No seu – sempre profundo e mórbido – silêncio, o velho asceta obscurece os caminhos do lar e gera sentimentos perpétuos de culpa. Os medos de meninos e as vontades de meninas são reprimidos pela respiração contida dele que, mesmo morto, permanece como lembrança e parte do lugar.

Ao lavar as raízes do tronco, o Avô edificou uma espacialidade em que vigora a moral do escravo, em que persiste o “ressentimento dos seres



aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação” (NIETZSCHE, 2009, p. 26). Ainda que configurada por um valor aparentemente externo aos sujeitos, a moral interpretada por Nietzsche (2009; 2005) é uma reverberação do ser que, ativo no mundo, se sujeita a certas intencionalidades como modo de projetar-se na condição de ente.

Contudo, deve-se ressaltar que o sujeitar-se é uma escolha que se dá na avaliação daqueles que são oprimidos pela moral que se desdobra. No nexos do tronco iniciado pelo Avô, incentiva-se que a palavra seja sempre comedida e dotada de razão, de modo a fugir dos excessos e paixões. No desvelamento do mundo, a verdade imanente dos atos é travestida pelos sermões. Desse modo, faz-se reverberar uma moral de subserviência que influencia e parte do mundo dos sujeitos.

Nas palavras de André, “meu pai sempre dizia que o sofrimento melhora o homem” (NASSAR, 1989, p. 171). A “moral dos escravos é essencialmente uma moral de utilidade”, afirma Nietzsche (2005, p.158), através da qual a subserviência é incentivada como modo de manutenção do *status quo*. O sofrimento, como no cristianismo, é algo edificante, que faz do sujeito mais *homem*. A atuar por meio da corporificação das imposições paternas no lugar, esse nexos moral efetiva a força do galho direito por meio da culpabilidade dos impulsos libidinosos ou afetivos de alguns membros da família.

Contudo, isso não se manifesta sem irreverências. No galho materno há uma revolta a partir da paixão violenta. O excesso de afetividade da Mãe ocasiona em um galho esquerdo, no sentido bíblico do termo, que remete ao erro e/ou à insurreição, lado associado à figura do demônio cristão (MOTA, 2010). Trata-se de notar, no “interior de cada família, de cada corporação, de cada comunidade: em toda parte a luta dos enfermos contra os sãos – uma luta quase sempre silenciosa, com pequenos venenos, com agulhadas, com astuciosa mímica de mártir” (NIETZSCHE, 2009, p. 105) que é desdobrada como uma revolta.

No cosmo de racionalidade do lar campesino explorado na *lavouira*, a afetividade que deveria ser regrada e ponderada foge ao controle do patriarca pela via de sua parceira. A Mãe, subjugada pelo nexos excludente, procura construir outro projeto de lugar a partir das suas possibilidades.

Se, como aponta Tuan, “what brings disconnectedness to the forefront of consciousness is far more likely to be a conflict of intention and project”<sup>4</sup> (TUAN, 1998, p. 85), nota-se que o projeto da Mãe difere das intenções dos filhos e do Pai.

Sua intenção não é destruir as lógicas que regem o lugar, mas amenizar o peso das imposições do marido, ao menos para os filhos. Ela intenta um meio-termo que, nas condições *arcaicas*, é impossível. Contudo, isso se desdobra de modo a transcender a finalidade por ela posta porque se erotiza, como revive André, ao acordar aos domingos na sua infância ficava:

[...] só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes ‘acorda, coração’ e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremecimento, e era então um jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor me asseverava num cício ‘não acorda teus irmãos, coração’, e ela depois erguia minha cabeça contra a almofada quente do seu ventre e, curvando o corpo grosso, beijava muitas vezes meus cabelos [...] (NASSAR, 1989, p. 24-25).

Há imagens de retorno ao ventre que reforçam a condição de sexualização da Mãe pela memória do protagonista. O estremecimento, quase orgástico, do personagem pode dizer respeito em certa medida à projeção de desejos na figura materna. Nota-se que o corpo da personagem é descrito sutilmente como “grosso” em oposição à afabilidade do seu agir, o que elenca uma dualidade interna nela. É como se, ainda que fosse uma revolta contra a ordem moral, impregnasse sintomas da *lavoura* no corpo.

O lugar não se desprende da personagem. Como afirma Marandola Jr., “é no próprio ser que as pessoas carregam seus lugares” (2010, p. 342). Nessa corporeidade que apresenta características do lugar contraditórias à sua ação ela media e encarna uma possível *outra lavoura*. Mesmo que haja um jogo sutil de mãos embaixo do lençol, o protagonista não consuma a eroticidade, talvez por ele somente imaginada, materna.

Na tensão entre tradição e liberdade, paixão e razão, André e Ana subvertem o amor familiar em brasa incestuosa, o primeiro, destarte, projeta o desejo pela mãe na irmã, em quem consegue consumá-lo. Como distorce o protagonista, ao confrontar a irmã antes de fugir do lar, “foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família” (NASSAR, 1989, p. 118). A partir da lógica do lugar, o galho materno irreverencia de maneira cínica a ordem imposta.

### 3. O Retorno na condição de ruptura no lugar

Não obstante incomodado com o tronco direito, a vontade do protagonista parece ser a de tomar o cetro do Pai. Como nota Nietzsche, ainda que em posição de desprezo pela humanidade de seu tempo, “não odiamos enquanto nossa estima é pouca, mas quando estimamos alguém como igual ou superior” (2005, p. 72). Ao ser privado da continuidade por não ser o primogênito, a posição de filho do meio é revoltante. Sem a paciência para os prazeres da terra, busca o gozo furioso de tomar do Pai as auguras da tradição e adquirir a liberdade.

Seu excesso cético é um autoritarismo, ainda que oposto ao fundamento do discurso paterno. André intenta obter, de acordo com Souza, o “direito privilegiado que obtém aquele que fala, já que o discurso é símbolo de poder, ele quer que sua lei profana e obscena sobrepuje a lei autoritária e moralizante do pai” (2012, p. 59). Na perversão discursiva efetivada pelo protagonista, há a busca de adquirir a condição do patriarca de modo a ceifar o tronco geriátrico e refazê-lo a partir dos galhos canhotos.

Por meio da subversão, André constrói de maneira contraditória a *lavoura* como lugar de vínculos. Como desabafa para o irmão: “Pedro, com meus olhos sempre noturnos, eu, o filho arredio, provocando as suspeitas e os temores na família inteira, não era com estradas que eu sonhava, jamais me passava pela cabeça abandonar a casa” (NASSAR, 1989, p. 66). Mesmo que um estranho no ninho, o protagonista ainda se sentia *em casa*.

Para Abati, André “parte, os olhos voltados para trás e para frente, como uma unidade bipartida, carregando junto ao corpo o peso dos laços, do tempo de formação, como numa antiga diáspora” (ABATI, 1999, p. 122). Na condição de “ovelha negra”, suas vivências dizem respeito à temporalidade da existência pautada na condição de semear o pão paterno. Sua revolta só tem sentido por se relacionar com aquilo que conhece.

O modo de vida de André é dotado de uma base tópica sitiada. O lugar estabelecido no lar é a gênese de sentidos e símbolos em que ele se pauta para efetivar seu projeto. Isso é consoante com a afirmação de Tuan de que “home is a place to which one is attached by myriad habits of thought and behavior – culturally acquired, of course, yet in time they become so intimately woven into everyday existence that they seem primordial and the essence of one’s being”<sup>5</sup> (1998, p. 7). Se livrar do lugar é desconsiderar

elos que foram estabelecidos pelos meandros e correntes da vida cotidiana. A coragem do protagonista, deste modo, é uma revolta por questionar justamente a validade da união, de modo a fazer, no retorno, que Lula (filho mais novo do tronco canhoto) confidencie a André a vontade de se aventurar pelo mundo como um mendigo.

Isso decorre da atitude pela qual “as pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais” (BUTTIMER, 2015, p. 6). Embora agregados aos elementos que fazem da *lavoura* um lugar pela propulsão dos nexos do lar, se revoltam contra aquilo que anula suas subjetividades. A vida em família é aquilo que faz com que a vida se faça pela corrente do esforço humano no lugar. Mesmo a vontade de sair, fugir, conhecer e descortinar as *terrae incognitae* (WRIGHT, 1947), se manifesta pelas condições que existem *no* cosmo existencial dessa espacialidade vivida.

O lar, como lugar primeiro, fundamenta a percepção espacial do sujeito, como destaca Pocock, independentemente dos problemas nele existentes, “it remains the center of our egocentrically-ordered cosmos, containing our own unique unrepeatable beginning”<sup>6</sup> (1981, p. 339). Os sentimentos de intimidade do sujeito desvelam uma afinidade que nasce dos elos estabelecidos pela memória. Pelos cotidianos transcorridos no lar, mesmo que opressivos, criaram-se situações em que a vida para além do sítio seria uma aproximação ao *inmundus*.

Ao *retornar* a casa junto a Pedro, o “pai ordenou que eu lavasse do corpo o pó da estrada antes de sentar-me à mesa que a mãe me preparava” (NASSAR, 1989, p. 150). O mundo alheio à *lavoura* é sujo, contém paixões, (no caso do protagonista, consumadas com diversas prostitutas), é um espaço em que é priorizado o instantâneo e o orgástico, a preterir a paciência ordenada da temporalidade arcaica do lar. Para que André retorne é necessário que ele se limpe simbolicamente da “imundice” advinda da estrada com o fim de não contaminar os outros, mesmo que este seja um esforço em vão.

Conquanto tente se livrar do lugar, ironicamente, André rompe a ordem paterna por meio da subversão dos próprios sermões e nexos do Pai. Pela agitação do conceito de família unida que é difundido, a sua ultrapassagem extremista é uma revolta que faz com que ele se faça sujeito como consequência das fissuras das imposições. André espelha o que

retrata Sartre, “o homem caracteriza-se, antes de tudo, pela superação de uma situação, por aquilo que consegue fazer do que foi feito dele” (SARTRE, 2002, p. 77); nesse fazer-se, o protagonista transcende os galhos da direita por meio de um *pathos* destrutivo.

Considera-se para esse fim, tal como Scannel e Gifford, que “neither interpersonal or place attachment bonds always have a positive valence”<sup>7</sup> (2014, p. 26). Vinculado pelo nascimento, pelo sangue e pela ancestralidade ao lar, o lugar na *lavoura arcaica* é uma espécie de constructo que se entorpece conjuntamente aos desígnios dos sujeitos que dele o fazem lugar. O protagonista não opta pela destruição do lar, mas por entendê-lo e perverte-lo. Nas palavras de André:

[...] ninguém sentiu mais as manchas de solidão, muitas delas abortadas com a graxa da imaginação, era preciso surpreender nosso ossuário quando a casa ressonava, deixar a cama, incursionar através dos corredores, ouvir em todas as portas as pulsações, os gemidos e a volúpia mole dos nossos projetos de homicídio, ninguém ouviu melhor cada um em casa [...] (NASSAR, 1989, p.43-44).

Ao imergir as mãos no cesto de roupas sujas e ouvir os gritos mudos dos irmãos, o protagonista evoca imagens de um lugar que não pode ser visto, mas sentido em sua complexidade e sua densidade. Pelas tramas de uma cartografia imaginária, sentem-se gemidos que realçam tensões existenciais. Os corredores e portas do lar se metamorfoseiam em testemunhas das dores silenciadas. A união pregada nos sermões paternos, na perspectiva do filho, é uma ilusão que se desfaz quando são observadas com atenção as manchas de solidão.

A *lavoura* está em André da mesma forma em que ele está nela, ela é um receptáculo de significados e influencia nas significações do sujeito. Essa dialética sujeito-lugar faz-se como uma condição de existência para ambos, “o ser produz o lugar e é produzido por ele” (SILVA, 1986, p. 98). Se os seres humanos habitam um mundo de seres *em-si*, são eles, como seres *em-si* e *para-si* que criam sentidos. Pelas relações estabelecidas no lar, o lugar é personificado e se consubstancia por meio dos vínculos estabelecidos.

Não há ser humano que exista no vazio. Estar no mundo é se relacionar com ele e situar sentidos para as coisas. Querer continuar no (ou voltar ao) lugar, mas também manifestar vontade de destituir a ordem, é criar um significado para o lar. Como “bonding is central to the human

experience. We necessarily form meaningful connections with particular people, groups, objects and places”<sup>8</sup> (SCANNELL; GIFFORD, 2014, p. 23); e é importante destacar que é essa reciprocidade entre o vínculo e o sujeito que potencializa a relação com o espaço.

Merleau-Ponty considera que “o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta” (2011, p. 576). Como *ser-no-mundo*, o sujeito se faz como consequência dos sentidos relacionais que provocam vinculações e nexos existenciais. O lugar arquitetado na *lavoura*, alicerçado nas vivências dos personagens, é resultado e causa das tensões que nele se desdobram. Incômodos ocasionados pelas imposições da situação referem-se às próprias razões de ser dos vínculos na *lavoura* do galho esquerdo.

Quando o protagonista retorna ao lar ressalva que “a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava em luto, as luzes apagadas, salvo a clareira pálida no pátio dos fundos que devia à expansão da luz da copa” (NASSAR, 1989, p. 147-148), A casa revela um lugar que não era mais o mesmo sem sua presença. Não era apenas a família que sentia saudades do filho “epilético”, que carregava o demônio no corpo (RODRIGUES, 2006), mas o próprio lugar pessoalizado.

Evidencia-se que “sujeito e o lugar são, cada um, constitutivos do outro” (BERDOLAY; ENTRIKIN, 2014, p. 108), ao mesmo tempo em que os sujeitos (re)fazem o lugar, esse espaço os transforma. Os vínculos que fazem do lugar um espaço humanizado também fazem dos sujeitos seres localizados. A existência, na condição de miolo propulsor, torna intensa a vivência em um lugar que rejeita e oprime ao mesmo tempo em que propicia elos que asseguram os meios de vida.

Já que “phenomenologically, place is not the physical environment separate from people associated with it but, rather, the indivisible, normally unnoticed phenomenon of person-or-people-experiencing-place”<sup>9</sup> (SEAMON, 2014, p. 11), o lugar é sempre um contexto relacional. Ele se dá pela objetividade-subjetividade das virtualidades nele projetadas pelos seres humanos. Desse modo, é, em efetividade, um fenômeno a ser explorado.

O *pathos* transcorrido também faz parte e é elo significativo da significação do lugar-*lavoura*. A emoção não é parte alheia do lugar, mas

elemento que é inseparável de sua constituição na condição de espaço significativo. Se, como discorre Sartre “é no amor, no ódio, na cólera, no medo, na alegria, na indignação, na admiração, na esperança, no desespero que o homem e o mundo se revelam *em sua verdade*” (2004, p. 21, grifos no original), é impossível ignorar os elos gerados pelos sentimentos excruciantes gerados *no e do* lugar. Essa espacialidade gerada relacionalmente é uma situação que se apresenta na condição de fenômeno denso de sentidos, que se pessoaliza a partir dos sujeitos.

Ao observar que “tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário” (NASSAR, 1989, p. 41-42), André apresenta o lugar como uma continuidade do tronco paterno. Nas desorganizações propositais, o lar não era arquitetado para ser entendido, mas para reforçar a lógica paterna herdada do Avô. A ordem moral incorporada no lugar ecoa pelos muros da casa e se reconstrói na colisão de princípios que é manifestada entre os membros da família separados pelos galhos do tronco paterno.

Na perspectiva do protagonista, é como se a casa agisse sob as ordens do patriarca. Isso se manifesta porque “place attachment is part of a broader lived synergy in which the various human and environmental dimensions of place reciprocally impel and sustain each other”<sup>10</sup> (SEAMON, 2014, p. 12). O espaço e os sujeitos se intercalam em um diálogo constante que reinventa as posições das destituições e anulações de um em função do outro. Cada situação gera espacialidades que encontram, na experiência, maneiras de existir.

Se efetivamente “a vida desperta no lugar” (KARJALAINEN, 2012, p. 11), é fundamental questionar se “viver não é avaliar, preferir, ser injusto, ser limitado, querer ser diferente?” (NIETZCHE, 2005, p. 14). De que maneira a vida pode se fazer em um lugar que oprime? Nessa contradição, a revolução de André, guardada na caixa de presentes recebidos das prostitutas com quem se deitou, se corporifica como um elemento estranho que é introjetado no lugar em seu retorno.

Acontece que, como destaca Rodrigues, “quem retorna é um André que, mesmo marcado pelo convívio familiar e pela introjeção dos valores da família, é também um outro André, que viu outros mundos” (RODRIGUES, 2006, p. 148). Ao se reposicionar no lar, entende os nexos do *ciclo* paterno

e tem a possibilidade de rompê-lo a partir de suas próprias estruturas e afirma ao patriarca que “Ninguém vive só de semear, pai” (NASSAR, 1989, p. 161). O pó que traz no corpo *inmundus* potencializa a virulência da irreverência.

Ao roubar a caixa de presentes de André e se vestir com os adereços das prostitutas durante a festa do retorno do irmão, Ana efetiva e hiperboliza a fuga. No seu dançar serpenteante e sexual, força Pedro a relatar para o Pai acerca da relação incestuosa consumada no lar. Consumido pela fúria, é o próprio patriarca que, com as ferramentas da lavoura, arrebatava as sementes plantadas e comete o infanticídio e possível suicídio. É o caso em que *pereat mundus, fiat justitia*, de modo a perverter-se a existência do lugar.

Para Nietzsche, “mesmo para as mais íntegras pessoas basta uma pequena dose de agressão, malícia, insinuação, para lhes fazer o sangue subir aos olhos e a imparcialidade sair dos olhos” (2009, p. 58). O sentido colérico da resposta do Pai incorpora uma revolta à resignação apregoada pelos sentidos de união que eram definidores, na perspectiva do tronco direito, do lugar. Se hiperboliza a tragédia a partir da transfiguração do lugar. As espacialidades do lar sereno se metamorfoseiam em tensões desdobradas de agressividade e costuradas por cóleras.

O projeto de ruptura do lugar se dá no lugar e pelas mãos da tradição e da paciência. O *pathos* que movimenta a tragédia gera nesse espaço um novo lugar, marcado pelos vínculos da perda e da destituição. Contudo, a lógica de André (ainda que implicitamente falecido) não elimina o lar sedimentado desde a geração do avô, pois, como finaliza o livro, “o gado sempre vai ao poço” (NASSAR, 1989, p. 194). Essa ciclicidade destrutiva motivada pela geografia de *hýbris* constitui um nexos no lugar da revolta; o lugar permanece conquanto existam sujeitos para dele fazerem sentido.

#### 4. Considerações Finais

No fértil diálogo de uma Geografia literária, consubstanciou-se compreensões acerca do lugar na *Lavoura Arcaica*. Pelas relações estabelecidas entre os personagens, foi possível observar de que maneira se manifesta a dialética sujeito-lugar. Ainda que (in)tensos, os vínculos estabelecidos



coordenam nexos que conversam a partir da ancestralidade e tradição que motiva as irreverências.

As tensões, como maneiras de existência no lugar, desvelam o sentido da inseparabilidade da existência e do lugar. Na conflitualidade evidente entre André e o Pai, os diferentes galhos do tronco ancestral evidenciaram as opressões de uma ordem moral pautada no controle do tempo e, portanto, do espaço. Nessa dinâmica, os personagens do galho esquerdo encontram na revolta uma maneira de se desvincular da tradição e buscar a liberdade.

A superação da ordem patriarcal, instaurada pelo Avô e a ser continuada pelo primogênito Pedro, é uma tragédia no qual o que resta é um lugar definido pela tensão e pelo desespero. As mãos pacientes de Iohána, na fúria advinda da destituição de sua lógica, afundam o lar por meio de seu *pathos*.

Nessa geografia de *hýbris*, o André da *partida* se descontrói e reformula sua existência no *retorno*. É justamente essa metamorfose que transforma os vínculos do lugar e estabelece novos nexos destrutivos no lar. Contudo, parte da afetividade e das paixões tão reprimidas nos corredores-ossuários da casa ejaculam em transformação e revolta do lado esquerdo. É da mesma semente do tronco de *Cronus*, o Avô asceta sempre com seu relógio-anzol de bolso, que nasce seu *Abaddon*.

## Notas

- <sup>1</sup> Responsável pelos seguintes títulos: Prêmio Jabuti em 1976; Prêmio Coelho Neto em 1976; e Prêmio Camões em 2016. Em decorrência de sua relevância, foram publicadas as seguintes traduções: espanhol (em 1982), francês (em 1985), alemão (em 2004) e inglês (em 2016). Também há uma adaptação cinematográfica direcionada por Luiz Fernando Carvalho e lançada em 2001.
- <sup>2</sup> “como nossas habilidades para ações moldam a percepção, que é como experienciamos o ser-no-mundo, nossas habilidades para ações simbólicas nos tornam capazes de, até certo ponto, modificar nosso mundo e quem somos nesse mundo” (DELANCEY, 2006, p. 373, tradução livre).
- <sup>3</sup> “onde uma casa antiga acomodou gerações de famílias, o espírito do passado pode ser sobrepujante” (POCOCK, 1981, p. 343, tradução livre).
- <sup>4</sup> “o que traz desconexão para a consciência é mais provável que seja um conflito entre intenção e projeto” (TUAN, 1998, p. 85, tradução livre).
- <sup>5</sup> “lar é um lugar com o qual alguém é vinculado por uma miríade de hábitos de pensamento e comportamento – culturalmente adquiridos, é claro, mas que com o tempo passam a ser

costurados tão intimamente na vida cotidiana que parecem primordiais para a essência do ser” (TUAN, 1998, p. 7, tradução livre).

- 6 “ele permanece como centro de nosso cosmo egocentricamente-organizado, a conter nosso único e irrepetível começo” (POCOCK, 1981, p. 343, tradução livre).
- 7 “nem os elos interpessoais nem os vínculos com o lugar têm sempre valência positiva” (SCANNEL; GIFFORD, 2014, p. 26, tradução livre).
- 8 “vincular-se é central para a experiência humana. Nós necessariamente formamos conexões significativas com pessoas, grupos, objetos e lugares particulares” (SCANNEL; GIFFORD, 2014, p. 23, tradução livre).
- 9 “fenomenologicamente, lugar não é o meio físico separado das pessoas associadas a ele, mas, de fato, o indivisível, normalmente imperceptível fenômeno de pessoa-ou-pessoas-experienciando-lugar” (SEAMON, 2014, p. 11, tradução livre).
- 10 “Vínculo ao lugar é parte de uma sinergia viva mais ampla em que várias dimensões humanas e ambientais do lugar reciprocamente impelem e sustentam umas as outras” (SEAMON, 2014, p. 12, tradução livre).

## Referências

ABATI, H. M. F. **Da Lavoura Arcaica**: fortuna crítica, análise e interpretação da obra de Raduan Nassar. 1999. 188f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

ALMEIDA, M. G. Os cantos e encantamentos de uma Geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geofricidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p.141-165.

BERDOLAY, V; ENTRIKIN, J. N. Lugar e Sujeito: Perspectivas Teóricas. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 94-116.

BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geofricidade**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.

DELANCEY, C. Action, the scientific worldview, and Being-in-the-world. In: DREYFUS, H. L.; WRATHALL, M. A. (Org.). **A companion to phenomenology and existentialism**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p.31-47.

KARJALAINEN, P.T. Place in Urwind: A humanist geography view. **Geofricidade**, v. 2, n. 2, p. 4-22, 2012.

MARANDOLA JR, E. Tempo e espaço cotidiano – Crônicas de um tecido inacabado. In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geofricidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 329-347.

MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. Geograficidade, poética e imaginação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 7-15.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOTA, B. C. **Raduan Nassar e a Lavoura dos Dizeres**: entre provérbios e cantares. 2010, 154f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2010.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**: Uma Polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

POCOCK, D. C. D. Place and the Novelist. **Transactions of the British Geographers**, New Series 6, p. 337-347, 1981.

RODRIGUES, A. L. **Ritos da paixão em Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SARTRE, J. **Que é a Literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

SARTRE, J. P. Questão de método. In: **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 17-123.

SCANNEL, L.; GIFFORD, R. Comparing the theories of interpersonal and place attachment. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Org.). **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. Abingdon: Routledge, 2014. p. 23-36.

SEAMON, D. Place attachment and phenomenology: The synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Org.). **Place Attachment**: advances in theory, methods and applications. Abingdon: Routledge, 2014. p. 11-22.

SILVA, A. C. **De quem é o pedaço?** São Paulo: Hucitec, 1986.

SOUZA, J. R. **Discurso e subjetividade em Lavoura Arcaica**. 2012. 108f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.

TUAN, Y. **Topofilia**. Londrina: EdUel, 2012.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Y. **Escapism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

WOORTMANN, K. “Com Parente não se negueia”: Camponato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 87, n. 1, p.11-73, 1990.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, p. 01-15, 1947.

Recebido em: 11/08/2016

Aceito em: 25/09/2016